

influiu seguramente na criação da “cátedra Manuel Alegre” na Universidade de Pádua.

Giulia Lanciani legou-nos uma obra monumental no âmbito dos estudos de literatura portuguesa, produto de uma vida inteira dedicada à investigação, paciente e rigorosa, da cultura de um país que amou e que talvez não lhe tenha prestado o devido reconhecimento, não obstante a condecoração de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, atribuída pelo Presidente da República, e os doutoramentos “honoris causa” pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pela Universidade Nova de Lisboa. MANUEL SIMÕES

Giuseppe Tavani (1924-2019)

Como comemorar um Mestre e, sobretudo, como posso eu, seu aluno desde o início do meu percurso académico, lembrá-lo sem cair no patético ou, pelo contrário, sem tentar manter a distância, apresentando um relatório enxuto das suas obras e dos prémios que ele recebeu, que eu sentiria—ou melhor, que todos aqueles que o conheceram sentiriam como uma traição da sua natureza de homem gentil e de estudioso ilustre? Escrever sobre ele, todavia, não é apenas um dever, mas um modo de prestar homenagem a uma pessoa especial, que viveu, talvez, algum tempo a mais e demais, um tempo restante e triste, obrigado a conviver com a imensa dor da perda da sua amada mulher e grande lusitanista Giulia Lanciani, que morreu alguns meses antes dele.

Giuseppe Tavani, de facto, deixou-nos aos 95 anos na manhã seguinte ao seu aniversário, no dia 22 de Março passado. Ele foi desde o início e até ao fim um grande filólogo. Este título bastaria, talvez, para definir o seu perfil científico: a sua atenção quase obsessiva — e, ao mesmo tempo, amorosa, como nos indica a etimologia — ao texto, a sua vontade de descobrir o que se esconde sob as palavras rabiscadas nos

velhos manuscritos ou nas páginas dos antigos incunábulos denunciam, já por si, o interesse e os resultados mais relevantes da sua actividade de estudioso. O seu trabalho, porém, não pode ser limitado a esse âmbito de estudos, embora seja, com certeza, o mais característico e caracterizante de Beppe (ele, apesar de tudo, foi desde sempre conhecido com este diminutivo do seu nome verdadeiro). Só para ficar na área lusófona, devemos, por exemplo, a ele duas antologias pioneiras sobre a poesia portuguesa do séc. XX (*Da Pessoa a Oliveira*, de 1973, e *Fernando Pessoa, Il poeta è un fingitore*, de 1988), mas também um volume contendo a *Poesia africana di rivolta* que, publicado em 1969, causou ao autor não poucos problemas com o regime salazarista.

Na verdade, como muitos filólogos, a sua curiosidade e o seu empenho de estudioso levaram Beppe Tavani a frequentar, divulgar e analisar textos, seja dum ponto de vista diacrónico, seja no plano sincrónico, realmente díspares: desde a Itália, a França e a Provença, até à Galiza e à amada Catalunha, sempre com aquela perspicácia e aquele respeito pelo texto literário que o tornaram uma referência nos muitos âmbitos de pesquisa que ele atravessou. Basta, para isso, considerar os muitos prémios e reconhecimentos que ele recebeu: doutor *honoris causa* pelas Universidades de Barcelona, Santiago de Compostela e Lisboa, foi também Membro do *Institut d'Estudis Catalans* e da *Academia das Ciências* de Lisboa, galardoado pela *Creu de Sant Jordi*, pela *Medalla Castellao* e pelo prémio *Ramon Llull*.

Professor de Filologia Românica primeiro na Universidade de L'Aquila, depois de Veneza e enfim, até à jubilação, na Sapienza de Roma, Giuseppe Tavani foi, com efeito, desde o início um Mestre também no âmbito dos estudos de língua e literatura portuguesa. Se posso indicar a primeira obra graças à qual ele se tornou universalmente conhecido como especialista de literatura medieval galego-portuguesa não posso não mencionar o monumental – e, repare-se, pré-informático,

fruto, então, dum trabalho demorado e difícil de pesquisa e indexação – *Repertorio metrico della lirica galego-portoghese*, publicado em 1967. Pelo seu carácter basilar e sistemático, acho que o *Repertorio* pode ser considerado o verdadeiro exórdio e o fundamento das pesquisas de Tavani no âmbito da poesia medieval, embora ele já tivesse traduzido para o italiano vários textos de língua portuguesa e publicado, em 1957, uma *Grammatica portoghese*.

De facto, o *Repertorio* foi também precedido pelas edições críticas das cantigas do trovador Ayras Nunez e do jogral Lourenço, ambas de 1964, e da *Comédia de Rubena*, de Gil Vicente, publicada no ano seguinte: provas, todas, do seu antigo interesse pela cultura portuguesa – e não apenas a medieval, como vimos – que se irá confirmando nos anos, junto com a sua paixão pelas outras literaturas ibéricas e com o seu interesse científico pela poesia provençal da Idade Média. Neste sentido, fazer o elenco de toda a produção científica, de todas as edições organizadas por Beppe Tavani nesses vários âmbitos linguísticos seria impossível e por isso vou limitar-me a mencionar, para a área ibérica, as duas contribuições fundamentais ao *Gründriss der Romanischen Literaturen des Mittelalters* (1980 e 1983). Elas representam, no meu entender – juntamente com o seu livro *Poesia del Duecento nella Penisola Iberica*, de 1969 –, o ápice de todo o trabalho filológico e crítico de Beppe em volta e a respeito do fenómeno da poesia trovadoresca galego-portuguesa, tanto assim que elas foram, sucessivamente, reunidas num só volume, várias vezes revisto nos anos seguintes e publicado, depois, com o título *A poesia lírica galego-portuguesa*, em galego (1986) e em português (1990), tendo sido antecipado por uma edição em italiano (1979), em forma de “sebenta” universitária, que eu guardo religiosamente na minha biblioteca.

Se, de facto, o *Repertorio* era uma obra seminal e fundadora, *A poesia lírica galego-portuguesa* poderia constituir a lógica conclusão dum percurso hermenêutico e interpretativo, se

não fosse que nos anos 90, Tavani e a sua esposa, Giulia Lanciani, foram incumbidos de dirigir e coordenar o fundamental *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, que saiu em 1993. A forma de dicionário permitiu aos dois tecer, verbete atrás verbete, uma enciclopédia – não apenas literária, apesar do título – da civilização galego-portuguesa, convidando os mais conhecidos especialistas das várias áreas a colaborar nesse *opus magnum*, no qual se depositam e se cruzam saberes diversos, até formar, por acumulação, um monumento àquela época longínqua e fascinante.

Na verdade, o meu querido Mestre não parou de pesquisar e publicar até meados do ano passado, mostrando uma lucidez impressionante, apesar dos sintomas da doença que o levou, enfim, ao falecimento. O único, dolorosíssimo acontecimento que apagou a sua vontade de continuar a estudar e a escrever foi a perda de Giulia: com a morte dela a luz apagou-se de vez e o que restou foi um penoso sobreviver. Que ele descanse em paz junto com a sua Esposa, enquanto eu, seu antigo e sempiterno aluno, continuarei a cultivar na lembrança a sua lição de humanidade e a sua obstinada vontade de decifrar o segredo dos textos, de tirar o véu transparente a esconder aquela verdade que apenas a literatura consegue confiar-nos nas suas tortuosas e imprevisíveis andanças. ETTORE FINAZZI-AGRÒ

João Bigotte Chorão (1933-2019)

João Dagoberto Forte Bigotte Chorão (Guarda, 18-10-1933) faleceu em Lisboa a 23 de Fevereiro último. Membro do Conselho Científico de *Estudos Italianos em Portugal* e divulgador de autores transalpinos ao longo de décadas, é mais conhecido, todavia, como estudioso de Camilo Castelo Branco. Foi, durante décadas, director literário da Verbo, onde secretariou as principais enciclopédias da editora, para as quais re-